

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.073

# O ENSINO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO: DESAFIOS E REFLEXÕES

Izabelle Trajano da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho é fruto de reflexões em sala de aula na educação básica e objetivou analisar o ensino de Geografia no 6º ano, momento de transição entre os chamados fundamental I e II. Os conteúdos geográficos da referida série são diversos e requerem o desenvolvimento de múltiplas habilidades, tais como: leitura e interpretação de textos, imagens, mapas, quadros, tabelas, gráficos, organogramas, enfim, necessitam da leitura de um conjunto de signos para a compreensão de mundo, na qual a Geografia escolar se propõe. Tais habilidades vão ao encontro de um dos objetivos do ensino fundamental, que segundo a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional é “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (BRASIL, 1996). Todavia, como principais dificuldades apresentadas pelos alunos, reconhece-se exatamente a ausência de habilidades que os discentes mais necessitam, ou seja, a leitura e a compreensão de textos verbais e não-verbais. Por outro lado, observou-se que nas aulas de Geografia é possível auxiliar os alunos, sobretudo, nas leituras de mapas, imagens, tabelas, gráficos, ou seja, textos que para serem compreendidos, necessitam de poucas informações verbais. Essas estratégias metodológicas oferecem conteúdos mais vivos e dinâmicos, apresentados mediante cores e símbolos, negando o caráter enciclopédico lançado à Geografia, que na visão de Brabant (1998), estreita a capacidade de percepção do aluno, bem como em Castrogiovanni (2000), quando defende que a Geografia escolar precisa sobrepor o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares. Portanto, escreve-se sobre a referida temática porque parte-se do princípio que é mediante a reflexão sobre o cotidiano

<sup>1</sup> Professora substituta do Departamento de Geografia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tsizabelle@gmail.com;

escolar que o professor busca mecanismos para tentar sanar os entraves que surgem no caminhar docente.

**Palavras-chave:** Experiência docente, Cotidiano escolar, Processo de ensino-aprendizagem, Ensino de Geografia.

## INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia na escola é um campo aberto de pesquisa ao professor-pesquisador<sup>2</sup>, atento aos mínimos sinais distribuídos pelas turmas. Estes sinais são emitidos de diferentes maneiras e sempre podem auxiliar a compreensão do contexto educacional em que se vive.

Os resultados das avaliações e conseqüentemente do final do ano letivo são apenas constatações de sucessos ou fracassos que se acompanha dia a dia na sala de aula, ou seja, aprovações e reprovações não surgem sem porquês, muito pelo contrário, são explicadas por variáveis que influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Uma destas importantes variáveis que se observou no exercício da docência e que dificulta o sucesso escolar no ensino de Geografia, é a grande e comum dificuldade que alunos de 6º ano apresentam na leitura e na escrita, alguns, inclusive, apenas silabam e não conseguem sequer entender aquilo que escreveu, o que caracteriza ausência do fechamento do processo de alfabetização.

Todavia, o Parecer CNE/CEB nº4/2008, de 20 de fevereiro de 2008, da lavra do conselheiro Murílio de Avellar Hingel, apresenta que os três anos do ensino fundamental (de nove anos) devem estar voltados à alfabetização e ao letramento e que se entende que estas séries iniciais seriam responsáveis pela alfabetização do aluno (BRASIL, 2008).

Tal documento é citado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 38), na seção que trata sobre o ensino fundamental, o que confirma, do ponto de vista legal, quais habilidades precisam ser desenvolvidas nesta fase da educação básica.

Dessa maneira, identificar alunos no 6º ano que ainda se encontram em processo de alfabetização é um descompasso daquilo que se espera, quanto as habilidades adquiridas pelo aluno, e é nesta série que se deixa de estudar com pedagogos e se começa a estudar com licenciados em áreas específicas, o que significa professores totalmente desprovidos de formação para alfabetizar.

Foi na tentativa de dialogar e socializar a experiência vivida em sala de aula que se construiu o presente trabalho, pois se entende que sempre é oportuno refletir sobre a prática pedagógica e sobre o sistema educacional brasileiro. Afinal, ainda é responsabilidade do professor mediar o processo de ensino-aprendiza-

2 Alarcão (2001) também utiliza a nomenclatura de professor-investigador.

gem para que o aluno consiga construir o conhecimento sistematizado, mesmo quando se encontram grandes barreiras.

Entretanto, é lógico e real que alunos com mais dificuldades avançam menos, uma vez que estes ficam mais propensos a reprovações consecutivas. Todavia, admite-se também que estes precisam avançar (e certamente avançam, mesmo levando grandes lacunas em seu arcabouço teórico-conceitual), sobretudo, no 6º ano, quando os conteúdos de Geografia podem facilmente ser relacionados ao espaço vivido, o que é uma possibilidade a mais no ensino de Geografia.

Sabe-se que uma das principais funções da disciplina escolar denominada geografia é possibilitar a leitura do mundo em que se vive; portanto, para se obter essa ferramenta de “leiturabilidade” é imprescindível deter habilidades básicas como o entendimento de textos (e contextos) em seus diversos formatos.

Assim, este trabalho busca dialogar sobre desafios e possibilidades encontrados por professores de Geografia em seu cotidiano de trabalho, em especial na série denominada sexto ano do ensino fundamental. Para tanto, encontra-se organizado em quatro partes, a saber: i) introdução; ii) metodologia; iii) resultados e discussão; e iv) considerações finais. O presente texto não tem a pretensão de representar de modo simplista a diversidade das salas de aulas brasileiras, mas é a descrição e a problematização de um recorte espacial encontrado por uma docente em sua atuação pedagógica.

## METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma discussão teórica e prática sobre o ensino de Geografia. Assim, foi realizada uma revisão bibliográfica e exposta às reflexões resultantes da vivência em sala de aula. Portanto, é uma oportunidade singular de dar voz àqueles que vivem o cotidiano escolar da educação básica pública brasileira e enfrentam, muitas vezes, sozinhos, os graves problemas educacionais.

A sala de aula é um ambiente formativo, por isso, defende-se que todas as experiências vivenciadas em cada espaço educativo é também um momento de reflexão em que o docente busca traçar (novos) caminhos. Nesse sentido, este texto é, de certo modo, um relato de experiência e um compartilhamento de situações vivenciadas na série já mencionada.

A literatura da formação de professores comumente defende a ação investigativa diante da atividade professoral. Nesse sentido, admite-se que investigar é primeiramente refletir sobre o ambiente em que se vive e se trabalha. Logo, concorda-se com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 95, grifo nosso), ao afirmarem que:

Se considerarmos a docência como atividade intelectual e prática, **revela-se necessário ao professor ter cada vez maior intimidade com o processo investigativo**, uma vez que os conteúdos, com os quais ele trabalha, são construções teóricas fundamentais na pesquisa científica. Assim, sua prática pedagógica requer de si reflexão, crítica e constante criação e recriação de conhecimento e das metodologias de ensino, o que pressupõe uma atividade de investigação permanente que necessita ser apreendida e valorizada.

Logo, a reflexão é uma ação inerente ao “ser professor”. É esta ação que possibilita a constante (re)criação que todos os docentes precisam exercer em suas salas de aulas e em seus cotidianos educacionais. Assim, o tópico seguinte vem apresentar alguns desafios e possibilidades encontrados no âmbito da efetivação do ensino de geografia em uma escola pública brasileira.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

GEOGRAFIA O QUE É

Geografia é onde o rio está.

Onde o município está.

É para onde vem o sol.

É para onde vai o sol.

Este rio para onde vai?

É divisão das águas.

É igarapé, igapó, lago, açude, mar.

É a medição da terra, a demarcação.

É fotografia, desenho, cor, é um mapa.

Geografia é o entendimento da aldeia e do mundo.

Do nosso mundo e do mundo do branco.

É a cidade, o Brasil e outros países.

É a história do mundo.

O mundo é a terra, a terra é a aldeia.

O rio que vai num outro rio.

Que cai num outro rio.  
Que cai no mar.  
Geografia é o depois do mar...  
(Professores indígenas do Acre)

O texto “Geografia o que é<sup>3</sup>” retrata a grandeza da geografia e a riqueza dessa disciplina escolar. Ele menciona sobre: i) a localização de elementos e fenômenos (cartografia); a importância da hidrografia; iii) o estudo das cidades (geografia urbana) e dos países (geografia política e geopolítica); e iv) sobre o entendimento do mundo. Ou seja, sintetiza alguns dos papéis fundamentais desempenhados pela geografia.

A utilização de textos em seus diversos formatos (músicas, poemas, cordeis etc.) auxilia sobremaneira no processo de ensino-aprendizagem, porque através de uma linguagem diferente (e as vezes, mais atraente) sintetiza grandes ensinamentos. Nesse sentido, a geografia é chamada a fazer uso de tais ferramentas, proporcionando assim mais uma possibilidade de ensino – atrativa e diversa.

Sabe-se que o ensino de Geografia na contemporaneidade se dispõe essencialmente a auxiliar o aluno a compreender o mundo em que vive, a partir da leitura e análise do espaço geográfico. Espaço esse que tende a ser simultaneamente multiescalar, ou seja, local, regional e global. E estas múltiplas escalas encontram-se entrelaçadas no dia a dia do alunado, seja no ambiente em que vivem, nos programas de televisão que assistem, nos saberes que aprendem junto aos familiares ou acessando a Internet.

Vale ressaltar que o ensino de Geografia nesses moldes é uma conquista escolar relativamente recente e fruto de intensos debates entre Geógrafos, principalmente durante a década de 1980, quando o materialismo histórico dialético tomou força e entoou argumentos criticando fortemente o ensino que se tinha naquele momento.

Cavalcanti (2008, p. 23) apresenta um panorama de como era essa geografia escolar, a qual estava sendo bastante criticada:

A geografia como era ensinada não atraía os alunos, não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria; o saber por ela veiculado era inútil e sem significado para os alunos, servindo, antes, aos projetos políticos de formar

3 Disponível em <https://profvladimir.blogspot.com/2017/06/professores-indigenas-do-acre-o-que-e.html>. Acesso em 09 out 24.

um sentimento de patriotismo acrítico, estático e naturalizante; a memorialização tornou-se seu principal objetivo e também orientou sua ideologia.

Conforme pode-se visualizar, as críticas se davam pela tentativa de se fazer com que a escola se tornasse mais atrativa, a partir da contextualização da vida do aluno. No tocante a Geografia, buscava-se unir o conhecimento de mundo ao conhecimento que a própria disciplina se propõe, já que estudar Geografia é conhecer antes de mais nada o espaço onde se vive (e de modo mais amplo o mundo em que se habita).

Nesse sentido, Fiziola (2009, p. 21) admite que “a Geografia pode ser tomada como o estudo da organização do espaço geográfico, do entendimento de sua lógica e de seus sentidos”. Ele acrescenta ainda, em algumas páginas adiante do mesmo livro, que os saberes escolares da Geografia devem estar voltados para sistematizar o conhecimento de mundo trazido pelos alunos. Tal sistematização dar-se-ia mediante a construção de conceitos e noções, que em sua visão, possibilitam uma leitura da lógica do mundo.

Portanto, cabe à Geografia auxiliar o aluno a desvendar o mundo contemporâneo (assim como o texto apresentado na abertura desta seção retratou), com seus conflitos, suas pluralidades, suas contradições, porque é assim que o mundo se encontra: conflituoso, plural e contraditório. E isso precisa ficar claro durante a educação básica, na disciplina de Geografia, pois só assim o aluno poderá se tornar um ser pensante e reflexivo, pronto para se questionar e questionar a sociedade em que vive.

Por tudo isso, a leitura e a escrita são habilidades impreteríveis na vida de todos os cidadãos, pois são condicionantes para se alcançar o arsenal de competências oferecidas pela Geografia escolar.

A educação básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Um dos fundamentos do projeto de Nação que estamos construindo, a formação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício da cidadania e acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. A educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças (BRASIL, 2013, p. 4).

Esse trecho das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Brasileira (DCN's) remonta tudo aquilo que a educação básica precisa oferecer aos brasi-

leiros. Reconhecendo-se assim a primazia da formação escolar, além de atribuir a ela a função de instrumentalizar o aluno em seu pleno exercício da cidadania e do desenvolvimento humano.

Sabe-se, entretanto, que no tocante a escola pública, de maneira geral, essa tarefa complexa da educação é transferida sobretudo ao professor; ou seja, na prática o docente sozinho teria a responsabilidade de promover toda essa gama de habilidades, inicialmente atribuída à educação escolar, uma vez que não são todas as escolas que contam com o suporte de apoio de profissionais da educação (supervisores e orientadores educacionais), da gestão e nem com o acompanhamento esperado da família.

Prontamente, admite-se tal realidade, todavia não se pretende retratar aqui a figura do professor como “coitado” ou “herói” – imagens, muitas vezes, divulgadas na mídia e comuns no imaginário social. Partilha-se da convicção de que a profissão docente, assim como qualquer outra profissão, possui os seus ônus, sendo alguns deles mais difíceis de lidar. Em outras palavras, existem empecilhos que muito dificulta a docência. Todavia, é possível, através da prática pedagógica, sanar (ou conviver com) algumas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, garantindo assim a promoção do aluno.

Dito isto, a partir da vivência em sala de aula, é possível afirmar que no 6º ano, série enfocada neste trabalho, é gritante a quantidade de alunos em processo de alfabetização. Logo, no cotidiano vivenciado, é comum encontrar alunos que:

- ainda escrevem pseudoletas e garatujas;
- copiam, mas não sabem o que estão escrevendo;
- assinam as atividades avaliativas apenas com o primeiro e o segundo nome, porque não sabem fazer o restante;
- leem silabando, ou seja, não conseguem construir o sentido completo de uma frase;
- não leem sílabas complexas (encontros consonantais, dígrafos).

Logo, são alunos que possuem dificuldades que ultrapassam as habilidades do licenciado em Geografia, pois o profissional apto para alfabetizá-los é o Pedagogo e este comumente atua até o quinto ano (séries iniciais).

Nesse cenário, faz-se necessário ressaltar também que de maneira nenhuma está se atribuindo a ausência da aquisição da habilidade denominada

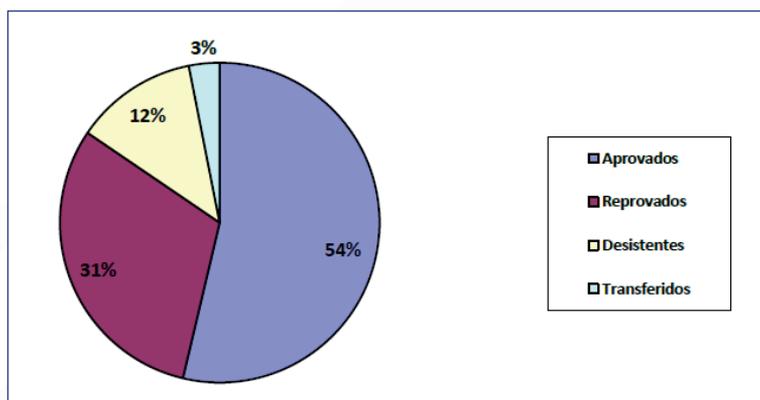
alfabetização à figura do Pedagogo, pois como a Lei das Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional (BRASIL, 1996) defende, em seu artigo segundo, a função de pleno desenvolvimento humano e das habilidades do aluno é de responsabilidade do Estado (leia-se escola) e da família e não especificamente do professor. O professor compõe a escola, mas não é a escola.

Assim, o que está se apresentando, no presente momento, é um sintoma da ineficiência do sistema de educação público brasileiro, pois fica o questionamento: como um aluno de 6º ano que ainda não consegue ler e escrever fluentemente poderá obter sucesso nas demais disciplinas, uma vez que todas necessitam da habilidade, da leitura e da escrita?

Aliás, convém lembrar que esta série é exatamente a metade do tempo de duração da educação básica (nove anos no ensino fundamental e três anos no ensino médio, o que totaliza 12 anos de ensino), com exceção da educação infantil. Logo, um aluno que apresenta esse quadro de alfabetização não completado, pode facilmente ficar retido nesta série, caso não desenvolva as habilidades esperadas para o 6º ano.

As observações descritas quanto ao grave problema de leitura e escrita são refletidas nos resultados finais de cada ano letivo. Justino e Albuquerque (2014) ao investigarem a evasão escolar do 6º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, localizada em Juazeirinho-PB, constataram que entre 2009 e 2013 foram matriculados 1.217 alunos, nos quais 653 foram aprovados, 375 foram reprovados, 151 desistiram e 38 foram transferidos. Estes números foram transformados em porcentagem, para melhor visualização dos resultados e estão expressos no Gráfico 1.

**Gráfico 1:** Resultado final de alunos matriculados no 6º ano entre 2009 e 2013



**Fonte:** Justino e Albuquerque (2014), organizado pelos autores

Algumas ressalvas são necessárias para melhor compreensão dos dados apresentados no Gráfico 1. Primeiro, é importante lembrar que os resultados não dizem respeito apenas a disciplina de Geografia, mas como o próprio título indica, sinalizam o resultado final dos matriculados na série, o que significa dizer que pode haver alunos aprovados em Geografia, mas que tenham sido reprovados em outras disciplinas (embora acredita-se ser pouco provável, posto que durante os finais de anos letivos, percebe-se que os alunos reprovados são aqueles que ficam em quase todas as disciplinas); segundo, é válido ressaltar que mesmo não referindo-se apenas a Geografia, os dados são importantíssimos, pois apresentam a educação de maneira geral neste estabelecimento de ensino.

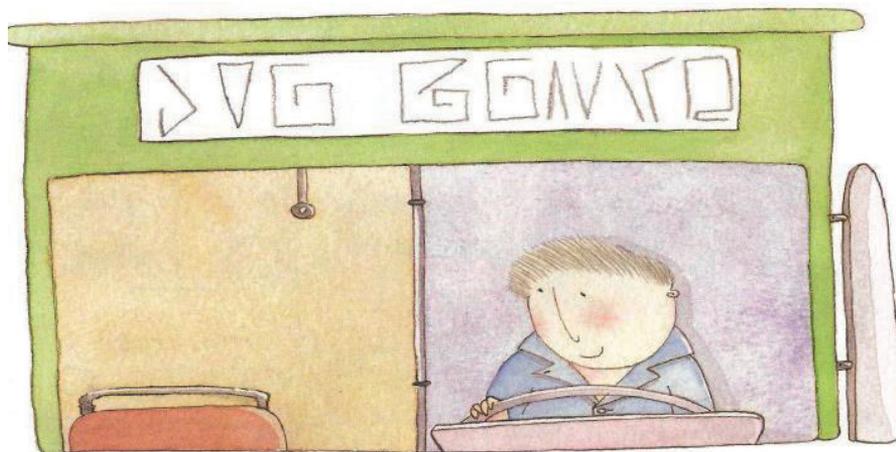
Uma vez feita estas ressalvas, pode-se facilmente relacionar os problemas enfrentados pelo professor de Geografia ao resultado final (Gráfico 1), já que apenas 54% dos alunos conseguiram obter êxito e foram promovidos para o 7º ano, e mesmo se somasse a quantidade de transferidos (caso estes tivessem sido aprovados), o percentual chegaria a 57%, isto é, pouco mais da metade de matrículas. Logo 43% ficaram retidos ou abandonaram o 6º ano, um índice significativo.

Reprovação e evasão escolar (desistência do aluno) podem ter uma relação direta com os desafios vivenciados em sala de aula e elencados anteriormente; pois, como o aluno vai se interessar por conteúdos, os quais dada as suas deficiências, não os consegue compreender? E como o professor de geografia vai alfabetizar os discentes, se o docente não tem formação para realizar tal atividade?

A leitura é essencial para o indivíduo enxergar o mundo. Inclusive, a autora Ruth Rocha tem um livro denominado “O menino que aprendeu a ver”, o qual mostra a magia de aprender a ler. A referida literatura apresenta a evolução do processo de alfabetização do personagem Joaozinho, pois quando este ainda não conhecia as letras, via apenas códigos (Figura 1).

Portanto, entende-se que esta é a realidade vivenciada por todos aqueles que não conseguem ler: enxerga-se apenas códigos, aos invés de entendimentos de informações e conhecimentos. A Figura 1 exibe essa realidade, pois a mãe do personagem Joaozinho consegue ver o nome “Rio Bonito” na fachada do onibus, enquanto o menino não.

**Figura 1** – Página do livro “O menino que aprendeu a ver”, em que mostra apenas códigos substituindo o nome Rio Bonito



**Fonte:** Rocha (2013, p. 12)

A obra de Ruth Rocha apresenta com leveza o encantamento da criança que começa a ver as letras e consegue atribuir significados a tais caracteres, os quais deixam de ser códigos, formando palavras. Nesse sentido, entende-se que o contrário ocorre na mesma proporção: os livros das séries finais para os alunos não alfabetizados podem significar para estes essencialmente códigos, os quais podem tornar-se indecifráveis sem a mediação do professor.

Nesse cenário, o docente tem um papel crucial na medida em que busca facilitar o entendimento dos conteúdos, na medida em que são ministrados. Em meio a essa realidade de lecionar a um alunado que não completou o seu processo de alfabetização, foi se tentando desenvolver práticas pedagógicas que pudessem auxiliar os discentes a compreenderem os conteúdos geográficos, pois embora seja possível entender a Geografia através do espaço vivido, o aluno, em um momento ou outro, precisará textualizar o conhecimento construído, principalmente durante as avaliações, escritas e sem consulta, que as escolas impõem que sejam realizadas bimestralmente.

Dentre as práticas pedagógicas utilizadas no cotidiano escolar durante a realização das aulas de geografia, e em meio ao desafio de lecionar, muitas vezes, a um público que detém extrema dificuldade de exercer uma leitura fluente, podem-se citar as seguintes estratégias didático-pedagógicas:

- a) **ditado geográfico:** esta atividade auxilia o aluno a escrever melhor, pois selecionam-se palavras trabalhadas durante um ou mais con-

teúdos e, em seguida, na lousa, é realizada a correção oral, sempre pedindo a turma para falar as letras e acentos gráficos corretamente. As dúvidas, levantadas pelo professor, durante a correção das palavras, faz com que se pense sobre a grafia correta dos vocábulos. Quanto mais dúvida o professor levantar, mais a turma participará da correção. Esta estratégia geralmente detém relevante participação dos discentes, pois comumente entende-se como um jogo, no qual “ganharia” quem mais acertar escritas corretas. No entanto, ressalta-se que o bônus vem para todos que em meio à brincadeira, aprende se divertindo.

- b) leitura pontuada e leitura compartilhada:** as duas atividades auxiliam os alunos a lerem mais fluente. Geralmente, percebe-se avanços significativos no decorrer do ano letivo. No caso da leitura pontuada (onde se lê em voz alta para toda a turma até se encontrar o ponto final), torna-se ainda mais interessante porque os alunos são convidados a ficarem atentos esperando a sua vez de ler chegar. Um cuidado que o docente precisa ter, neste exercício, é a adequação do nível da linguagem do texto selecionado com as habilidades da turma e, quando necessário, é válido realizar alterações de vocábulos (sem modificar o sentido) para que o compreendam sem a intervenção do professor. Pode-se selecionar textos específicos de geografia ou trabalhar através da intertextualidade. Tal estratégia, quando utilizada pelo professor, contribui significativamente com o letramentos dos alunos, nas séries finais do ensino fundamental.
- c) atividade de cruzadinha e caça-palavras:** estas atividades, além de poderem ser utilizadas iniciando ou finalizando conteúdos, são importantes porque estimulam o aluno a ler sobre o assunto trabalhado, já que são colocadas charadas que precisam ser resolvidas para se encontrar as respostas. Além disso, o discente é incitado a escrever corretamente, caso contrário o exercício não é finalizado, principalmente na cruzadinha, onde uma resposta correta complementa a outra. É importante ressaltar, nestas atividades, ser impreterível que o próprio professor da turma desenvolva a cruzadinha e/ou caça-palavras, pois apenas este é quem detém o nível de leitura exato do aluno e da turma. Atividades fáceis ou difíceis podem não atrair os discentes a realizarem ambos os exercícios, comprometendo, desse modo, os objetivos pré-estabelecidos. Adequar o conteúdo ministrado ao nível de leitura

exercido pela turma, é pois, o caminho que deve ser seguido pelo professor de geografia.

- d) releituras de músicas e poemas:** a releitura aqui proposta é mediante confecção de desenhos. Já que muitos dos conteúdos de Geografia são expressos em músicas e poemas. É possível, após trabalhá-los em sala de aula, pedir aos alunos que eles construam desenhos sobre partes das músicas e dos poemas, dando assim as suas contribuições ao conteúdo em pauta. Dessa forma, é oferecida a oportunidade de se expressar àqueles que se manifestam com mais habilidade, através da linguagem não-verbal.
- e) análise de charges e tirinhas:** essa atividade é excelente para desenvolver a expressão oral e trabalhar leitura de texto verbal e não-verbal. As charges e tirinhas auxiliam a compreensão de conteúdos e por serem textos que utilizam reduzida linguagem verbal, o entendimento se torna menos difícil. Além disso, os desenhos apresentados em ambos os gêneros textuais estimulam a colocar em debate o conhecimento de mundo do aluno, o que torna a aula dialogada e interativa. A Figura 2 apresenta uma tirinha exibida em um livro de geografia de sexto ano, que trata sobre o espaço virtual. A partir desta tirinha, suscita-se o debate entre mundo real e mundo virtual.

**Figura 2** - Tirinha apresentada no livro didático sobre o espaço virtual

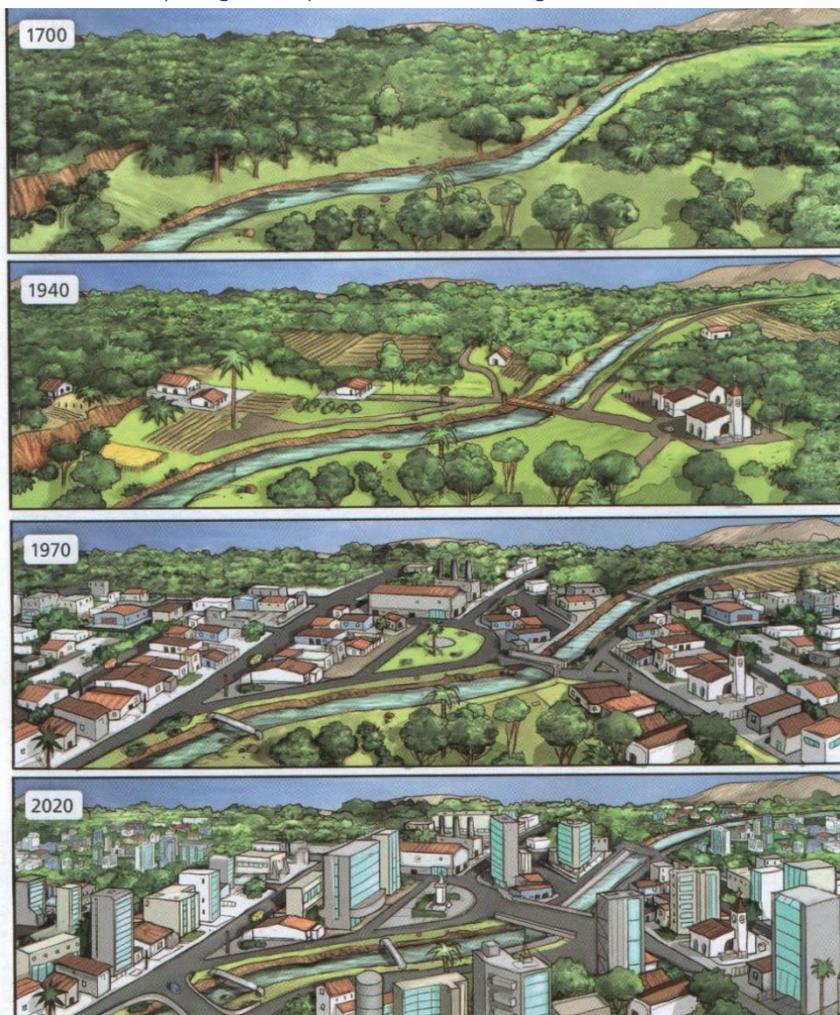


**Fonte:** Paula; Rama; Pinesso (2018, p. 88)

- f) análise de mapas, imagens, tabelas e gráficos:** nesse tipo de atividade, as cores, as formas e os números falam bem mais que as letras. Logo, a partir da mediação do professor, é possível desenvolver o raciocínio geográfico e estimular simultaneamente a expressividade oral, uma vez que é possível ouvir diferentes vozes nas aulas dialogadas. O trabalho utilizando esses gêneros textuais deve ser contínuo, isso é o que garante o desenvolvimento da turma.

Face ao exposto, e de posse de tais metodologias, vem-se tentando auxiliar os alunos a enfrentarem o grave problema de leitura e escrita enfrentado nas salas de aula do 6º ano. Nesse sentido, e para além do que já foi evidenciado nas sugestões de atividades, ressalta-se que a linguagem iconográfica é essencial no ensino de geografia da referida série, pois ela possibilita construção de conhecimento através da linguagem não-verbal. A Figura 3 apresenta o conteúdo de paisagem, através deste recurso didático.

**Figura 3** – Conteúdo de “paisagem”, expresso através de imagens.



**Fonte:** Paula; Rama; Pinesso (2018, p. 18)

Conforme pode ser visto na Figura 3, exibida em um livro didático de geografia do 6º ano, o conceito de paisagem pode ser facilmente compreendido,

através das imagens apresentadas. A paisagem, na visão de Giometti, Pitton e Ortigoza (2012, p. 36):

conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem. Paisagem é, portanto, visível e material [...] ela não é estática, está em constante transformação.

Logo, a leitura de imagens, disponíveis nos livros didáticos são importantes ferramentas para o conhecimento inicial dos conceitos fundamentais da geografia. A paisagem, o espaço, o lugar, o território e a região podem começar a ser compreendidos através de imagens, exibidas nos materiais didáticos, e ampliados os seus respectivos conhecimentos junto ao entendimento do espaço vivido (ou vice-versa).

Diante da discussão, ora tecida, entende-se que as atividades aqui mencionadas, sozinhas, não são capazes de finalizar o processo de alfabetização, mas, sem dúvidas, ajudam os alunos a lerem mais e melhor.

O conhecimento geográfico escolar, sistematizado mediante o currículo de cada série, só pode ser construído pelo aluno quando ele tiver domínio de leitura e escrita, pois a Geografia ensinada requer o entendimento de textos verbais e não-verbais e é com eles que se pode construir conceitos e o raciocínio geográfico. Assim, quanto mais ele desenvolver a leitura e a escrita, mais ele terá possibilidade de desenvolver as habilidades não apenas de Geografia, mas também de todas as demais disciplinas escolares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado se dispôs a dialogar sobre uma profunda e recorrente dificuldade encontrada no ensino de Geografia no 6º ano: a ausência da leitura e escrita fluentes, ou dito de outro modo, um cenário de alunos que não completaram o processo de alfabetização com sucesso, visto as dificuldades encontradas em sala de aula.

Teoricamente ou do ponto de vista de habilidades construídas, subentende que o aluno desta série já fechou o processo de alfabetização e na própria literatura de ensino de Geografia, pouco se vê a discussão do ônus que essa ausência traz no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, e em sala de aula,

esse problema é recorrente e geralmente vem acompanhado com histórico de reprovação em séries anteriores ou na própria série e da ausência de acompanhamento familiar na escola.

Em muitos contextos, o professor tende a ficar sozinho para enfrentar essa grave dificuldade que pode comprometer o rendimento escolar e, por isso, metodologias que podem auxiliar o aluno são tão importantes no cotidiano escolar. A Geografia é uma disciplina que requer diariamente a leitura e a escrita e mesmo sabendo que o aluno possui o seu conhecimento geográfico, anterior à escola ou construído fora dela, é na escola que ele precisa sistematizar o que sabe, e só assim poderá avançar para a série seguinte.

Portanto, mesmo sabendo que o professor de Geografia não pode resolver todos os problemas relacionados às dificuldades de leitura e escrita, pode-se realizar atividades durante a ministração dos conteúdos que contribuam para a formação de leitores e escritores fluentes, o que consequentemente acarretará melhores resultados, não apenas na disciplina de Geografia, como também nas demais disciplinas.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Professor-investigador: Que sentido? Que formação?. In: **Cadernos de Formação de Professores**, N° 1, pp. 21-30, 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259574910\\_Professor-investigador\\_Que\\_sentido\\_Que\\_formacao\\_Em\\_Campos\\_BP\\_org\\_Formacao\\_Profissional\\_de\\_Professores\\_no\\_Ensino\\_SuperiorCadernos\\_de\\_Formacao\\_de\\_Professores\\_Porto\\_Portro\\_Editora\\_21-30\\_2001](https://www.researchgate.net/publication/259574910_Professor-investigador_Que_sentido_Que_formacao_Em_Campos_BP_org_Formacao_Profissional_de_Professores_no_Ensino_SuperiorCadernos_de_Formacao_de_Professores_Porto_Portro_Editora_21-30_2001) Acesso em: 05 maio 24.

BRABANT, Jean Michel. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB n°: 4/2008**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004\\_08.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004_08.pdf).

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, SICEI, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. A apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: \_\_\_\_\_. CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor

André. (Org) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FIZIOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território. In: **Conteúdos e didáticas de Geografia**. volume 9. Unesp/UNIVESP - 1ª edição 2012.

JUSTINO, Sonilda Rocha; ALBUQUERQUE, Luciane. **Gestão de escola pública: gerenciando a evasão escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização. IFPB, 2014.

PAULA, Marcelo Moraes; RAMA, Maria Angela Gomes; PINESSO, Denise Cristina Christov. **Geografia e interação: 6º ano ensino fundamental: anos finais**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. Salamandra, 2019.

PONTUSCHKA, Níbia Nacib. PAGANELI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.